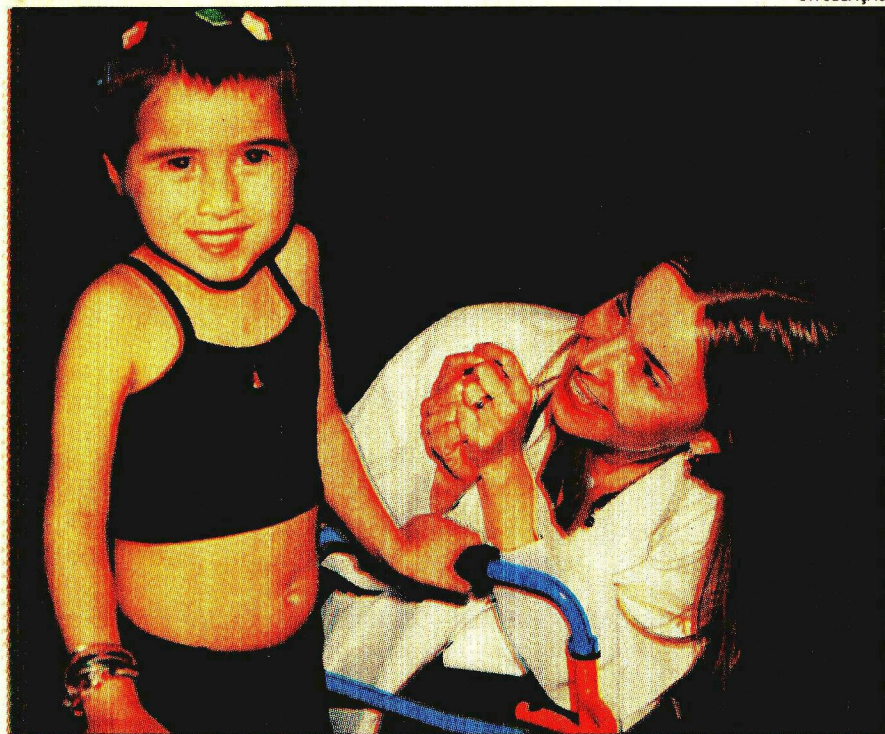


VÁ À LUTA

EDUCAÇÃO & OPORTUNIDADES

Editor: Rodrigo Leitão/Subeditor: Chico Neto/E-mail: suplementos@jornaldebrasilia.com.br/Alô Jornal: 0800-612221

Abaixo as barreiras



LÚCIA WILLADINO com paciente: "Colocamos todo mundo na escola"

No Dia do Professor, um exemplo positivo vem da Rede Sarah, que, além de contratar docentes, trabalha em favor da escola inclusiva

ANA SÁ

Hospital não é só lugar de se tratar doenças. Pelo menos assim acontece nas unidades da Rede Sarah de Brasília, Belo Horizonte, São Luís e Salvador, onde professores estão fazendo uma revolução silenciosa e quebrando a hierarquia do poder médico. Lá, eles integram a equipe, conhecem as patologias do aparelho locomotor e não apenas lêem o prontuário – o que em muitas instituições talvez seja sigiloso –, como conquistaram, também, o direito e fazer apontamento de dados sobre o paciente.

E mais: quando o ortopedista marca uma cirurgia, costuma consultar o professor para evitar prejuízos no desempenho escolar da criança. A figura do professor hospitalar surgiu com o novo contexto de humanização do atendimento médico, uma nova tendência nesta área.

No Sarah, a idéia começou a nascer no final da década de 70, quando uma jovem de apenas 18 anos foi contratada como a primeira professora hospitalar. Lúcia Willadino Braga, que hoje é neuropsicóloga e Doutor Honoris Causa da Universidade Reims, Champagne, França, tocava flauta para os pacientes. Ela percebeu que de nada adiantava manter uma escola dentro do hospital, até porque o pa-

ciente recebia alta, o que acabava comprometendo o processo de escolarização.

O trabalho do professor hospitalar precisava ser ampliado e integrado com o resto da equipe. Lúcia, atualmente diretora-executiva da Rede Sarah, conseguiu muito mais. Em conjunto com profissionais de outras áreas, os professores do Sarah são responsáveis pela escolarização – e inclusão nas escolas regulares – de muitas crianças e adolescentes com distúrbios do desenvolvimento neuropsicomotor. O programa, que já capacitou centenas de professores da rede escolar, abriu caminho para outros, que hoje se encontram matriculados no ensino médio e até na universidade.

A equipe do Sarah teve o mérito de realizar uma pesquisa que pôs fim à crença de que a criança coreoatetóide – aquela que não anda, não fala, baba e não manipula objetos – era um deficiente mental. A pesquisa provou que ela tem, sim, inteligência normal. "Colocamos todo mundo na escola", conta Lúcia, que posteriormente escreveu e lançou, pela Editora Sarah Letras, o livro *Cognição e Paralisia Cerebral - Piaget e Vygotsky em Questão*, contando sua experiência de trabalho com crianças portadoras de formas graves de paralisia cerebral.

A diretora-executiva explica que o interesse do Sarah não é deixar ninguém hospitalizado. "Reabilitação, de fato, se dá na vida", afirma. De acordo com ela, todo trabalho da rede Sarah, que presta atendimento ambulatorial, cirúrgico e de reabilitação a pacientes com diagnósticos relacionados ao sistema locomotor, não teria sentido se as pessoas não iniciassem a escolarização, voltassem às escolas ou se não ingressassem no mercado de trabalho. "Para nós, a escola é fundamental e o Sarah está aberto para apoiar tudo de que a escola precisa, porque a educação é o resultado da reabilitação", conclui.

CRISTIANO D'MOURA



LETRUSKA: progresso encaminha ao vestibular de Psicologia



PROFESSORES com turma de alunos/pacientes no hospital: interação com aprendizado

Devagar é que se vai longe

SÉRGIO ALMEIDA

A estudante Letruska Marilene Franco, 20 anos, é paciente do Sarah desde os dez, quando sofreu um acidente de carro e ficou paraplégica. Ela não apresenta nenhum movimento nas pernas e nem nos braços, mas fala e tem desenvolvimento cognitivo compatível ao esperado para sua faixa etária. Tanto que enfrenta, este ano, o vestibular para Psicologia.

Em toda sua vida escolar – após o acidente, é claro – precisou de muita ajuda de professores e colegas de classe. "Dependo de um professor ao meu lado para fazer os exercícios e provas", conta.

Letruska, porém, está prestes a receber sua carta de alforria. É que o programa de Comunicação Alternativa do Sarah criou um software e um interface para ela dominar o computador. Locomovendo-se por toda a cidade com sua cadeira de rodas motorizada, ela já está navegando pela Internet, passando e-mail para os amigos e usando o editor de textos. Tudo isso com um simples movimento de cabeça.

"Aproveitamos o movimento que ela usa para guiar a cadeira de rodas", explica João D'Artagnan Antunes Oliveira, técnico-especialista que integra a equipe do programa. Os outros membros são professores, terapeutas funcionais, psicólogos, desenhistas industriais, especialistas em hardware digital e software básico, técnicos em eletrônica e informática, entre outros.

Há pacientes – inclusive adolescentes coreoatetóides – que usam o computador por meio de um piscar de olhos, de um movimento de braço, da perna e de cabeça. A equipe criou quatro softwares de comunicação alternativa que viabilizam às crianças e adolescentes com paralisia e lesões medulares utilizarem o computador com um único comando.

O motorista Osvaldo Pereira da Silva leva ao Sarah semanalmente o filho Francisco Railton Cesário da Silva, dez anos, para participar das atividades do programa, que incluem familiarização e treino do uso do computador, estimulação da aprendizagem e ampliação dos padrões comunicativos. Francisco, que teve le-



ORIENTADORA acompanha passo a passo o desenvolvimento da aluna

são no cérebro deixando sequelas no movimento dos braços e na fala, está usando o software de editor de textos, destinado às crianças que estão na fase de alfabetização. No computador, ele faz treino de escrita para ser alfabetizado na escola, porque não consegue escrever com a mão.

Francisco Thiago Leite Santos, oito anos, não consegue nem escrever com o teclado do computador. Para ele, a equipe criou um aparelho de uma tecla só capaz de fazer toda operação do editor de textos. Thiago não anda e quase não consegue pegar objetos. Com o computador, porém, já escreve pequenas palavras e assina o nome. Ele, como os outros pacientes, tem computador emprestado pelo hospital, para realização dos trabalhos es-

colares. Sua escola, o Caic Alberto Sabín, de Santa Maria, também dispõe do programa criado pelo Sarah.

"Achei o máximo porque escrevi meu nome no computador", conta a adolescente Ludmila Torquato, 14 anos, que acabava de utilizar pela primeira vez o equipamento. "Agora, quero entrar na Internet". Ela está sendo alfabetizada no Centro de Ensino Especial nº 1 de Taguatinga, mas, como não apresentava progressos, sua mãe, Nilva Mota Torquato, levou-a para uma avaliação no Hospital Sarah. Foi aceita no Programa de Comunicação Alternativa. "Ela tem muito interesse porque gosta do computador", diz Nilva. (A.S.)

Continua na página F-8